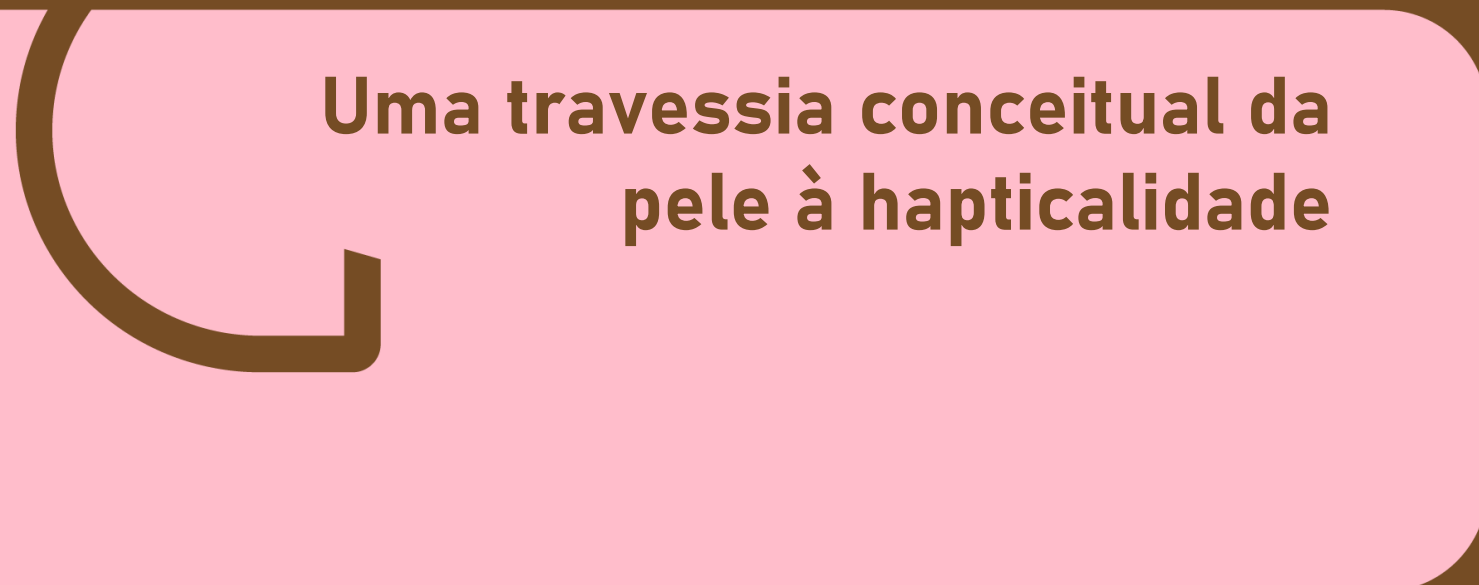


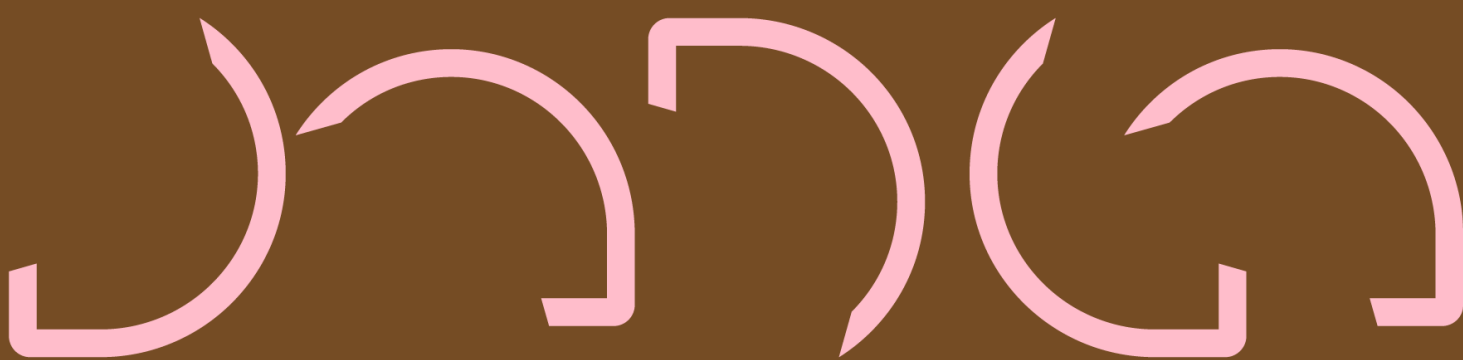
revista  
brasileira  
de estudos  
em dança



## Uma travessia conceitual da pele à hapticalidade

Ana Luiza Azevedo Dupas  
Marina Souza Lobo Guzzo

Dupas, Ana Luiza Azevedo; Guzzo, Marina Souza Lobo. Uma travessia conceitual da pele à hapticalidade. **Revista Brasileira de Estudos em Dança**, 03(05), p. 339-366, 2024.1.



## RESUMO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de mestrado, que propõe uma travessia teórica dos conceitos de pele e toque até o conceito de hapticalidade. Nos trabalhos dos autores Fred Moten e Stefano Harney, hapticalidade aparece como uma espécie de “sentir comum”, a capacidade de sentir o outro, de sentir o outro sentindo. Para esta investigação-travessia interdisciplinar, foi adotado o método cartográfico, e propostos estudos, práticas corporais e interlocuções teóricas, com o intuito de aproximar-nos do conceito de hapticalidade. A Eutonia, pedagogia somática que propõe estudos da pele e do toque como base para os cuidados de si e do outro, serviu como chão fundamental da travessia. Sobretudo no contexto pandêmico, em que o isolamento social foi adotado como medida para conter a disseminação do vírus Covid-19, a análise da experiência pretende gerar reflexões acerca das relações entre toque, saúde e política.

**PALAVRAS-CHAVE** Toque; Pele; Hapticalidade; Eutonia; Arte; Saúde.

## *ABSTRACT*

This article presents part of a master's research, which proposes a theoretical journey from the concepts of skin and touch to the concept of hapticity. In the work of authors Fred Moten and Stefano Harney, hapticity appears as a kind of “common feeling”, the ability to feel the other, to feel the other feeling. For this interdisciplinary research journey, the cartographic method was adopted and studies, practices and theoretical interlocutions were proposed in order to bring us closer to the concept of hapticity. Eutony, a somatic pedagogy that proposes studies of the skin and touch as a basis for caring for oneself and others, served as the fundamental ground for the journey. Especially in the pandemic context, in which social isolation was adopted as a measure to contain the spread of the Covid-19 virus, the analysis of the experience aims to generate reflections on the relationship between touch, saúde and politics.

**KEYWORDS** Touch; Skin; Hapticity; Eutony; Art; Health.

# Uma travessia conceitual da pele à hapticalidade

Ana Luiza Azevedo Dupas<sup>1</sup>

Marina Souza Lobo Guzzo<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre pelo programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde pela Unifesp em 2023. Graduada em Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA/ USP em 2006. Formada em Eutonia pelo Instituto Brasileiro de Eutonia, dedica-se a práticas artísticas interdisciplinares que atravessam os territórios da dança, da performance e das educações somáticas. ana.dupas@unifesp.br

<sup>2</sup> Professora orientadora. Artista e pesquisadora das artes do corpo, pós-doutora em Artes Cênicas da ECA-USP, mestre e doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Professora Adjunta da Unifesp no Campus Baixada Santista, pesquisadora do Laboratório Corpo e Arte e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Dança. marina.guzzo@unifesp.br

## Introdução

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado, realizada entre 2021 e 2023, que propõe uma travessia teórica dos conceitos de pele e toque até o conceito de hapticalidade. Por meio do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde<sup>3</sup>, a pesquisa se realizou de maneira prático-teórica, a medida que se desenvolveu como uma cartografia da atenção sobre as experiências subjetivas vividas no corpo físico, material, emocional, intelectual, sensorial, não apenas individual - no corpo da pesquisadora - mas *em relação*, além de ter sido atravessada pela pandemia do vírus Covid-19, enfrentada em todo o planeta no mesmo período. Também a análise dos resultados não seguiu um procedimento padrão, mas se deu por meio da implicação, de quem pesquisa, e do próprio problema, que passaram por transformações, durante a travessia.

A metodologia cartográfica convida ao exercício de atenção, que aqui ganhou o contorno da abordagem somática da Eutonia (1983). A Eutonia é o chão para esta escrita acontecer, por meio do processo de criação em si (de si), pois envolve descobertas novas a cada momento, além de ser uma postura / intenção perante a vida: a de estar preparado(a) para mudança, para uma possibilidade de viver o presente com mais consciência.

A importância da percepção de si e do mundo ao redor foi a principal inquietação de Gerda Alexander ao criar a Eutonia, método resultante de seu trabalho como educadora do movimento relacionado à música, dança e teatro<sup>4</sup>. A ideia motriz da Eutonia é

---

<sup>3</sup> Localizado no Instituto Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista da Unifesp, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (PPGICS) cultiva a visão interdisciplinar como forma de ampliação do conceito de saúde para uma atuação inventiva dentro das áreas acadêmicas. Vinculado ao Laboratório Corpo e Arte, propõe uma formação corporal compartilhada, sensível e criativa a partir de estudos da presença, artes corporais e do movimento, entre outras práticas com fundamento educativo e artístico à medida que estejam envolvendo criação e produção de vivências pessoais e trocas coletivas por meio da experiência artístico-corporal. A presença em Saúde é discutida e vivenciada de maneira encarnada, com pele, toque, dança e movimento.

<sup>4</sup> Tais atividades foram desde cedo estimuladas pelo entorno familiar. E foi graças a seu profundo estudo corporal, apoiado pela curiosidade e observação, mas também por conta de uma febre reumática seguida de endocardite, que a acometeu aos 16 anos impedindo-a de dançar, que

o encontro de uma flexibilidade tônica que nos permite movimentar, parar, mudar de posição, caminhar, e que se eleva diante de uma situação de perigo, ou baixa à necessidade de descanso (Gainza, 1997, p. 14).

Somado a uma compreensão de arte como campo interdisciplinar, este chão proposto aqui também entende dança como produção de conhecimento político. O corpo que dança, que se movimenta, não é apenas um corpo “eutônico”, e saudável, mas um corpo político, relacional. A Eutonia nos convoca para o melhor lugar possível que se pode estar, para se atentar a algo, que é na própria pele. Além de ser um meio que possibilita corporificar a própria experiência cartográfica – por meio do exercício da atenção, a Eutonia ajuda a elaborar ferramentas para acessar o saber que é próprio do corpo, integrado à mente, às experiências subjetivas e sempre em relação com a realidade.

Neste sentido, “travessia” é mais uma palavra para descrever a experiência cartográfica. A escrita baseada na experiência pessoal, como artista da dança e eutonista, a pesquisadora se coloca a serviço de aproximar este corpo, que escreve, e que lê, em comunhão com outros corpos, em contato por meio de grupos de leitura, oficinas, estudos coletivos e interlocuções, ao conceito de hapticalidade.

Com origem na percepção háptica, que, por sua vez, tem destaque em diferentes áreas da ciência, o conceito de hapticalidade vem sendo discutido no campo dos estudos culturais. Nos trabalhos dos autores Fred Moten e Stefano Harney, hapticalidade aparece como uma espécie de “sentir comum”, como a impossibilidade de separar a prática da teoria, a pele do pensamento, mas, também, como um sentimento que não pode ser sentido individualmente; a capacidade de sentir o outro, de sentir o outro sentindo (Harney; Moten, 2013). Neste exercício de partilha, abordar o conceito de hapticalidade e a importância do toque para

---

Alexander desenvolveu maneiras de mover-se utilizando o mínimo de esforço, o que mais tarde foi chamado de Eutonia.

a existência humana<sup>5</sup>, se dá em si como deslocamento – a ser visível conceitualmente – e para o qual damos o nome de “travessia”: do conceito “pele” para a experiência da pele; de um corpo “háptico” a um corpo que vivencia a hapticalidade.

Esta travessia, ou aprendizado, se dá por meio do método cartográfico, ou em uma “micropolítica atencional cartográfica”, como sugere Virgínia Kastrup fazendo referência a Depraz, Varela e Vermersch: “A atenção é como um músculo que se exercita. Ela se configura, encorpa e adquire tónus com a prática regular” (KASTRUP, 2019, p. 102). Por meio desta metodologia, os estudos teóricos assim como as práticas coletivas de leitura; práticas de leitura e tradução; conversas com eutonistas, foram produzindo o corpo da pesquisa: teórico-prática e interdisciplinar.

“Reaprender” a sentir, perceber os impulsos vitais, e se comunicar, é não somente parte fundante desta pesquisa, e muito se deve à escolha do método cartográfico, pois sem este, a mesma não teria sido possível. Em um primeiro momento foi desenhado, com base no modelo de atenção cartográfica de Kastrup, uma base-tripé da problemática-aprendizado da pesquisa: 1) Colocar o problema: o que é hapticalidade?; 2) Sustentar o problema (nadar na pergunta, beber a pergunta, dançar a pergunta); e 3) Redesenhar o campo problemático (perguntar novamente, verificar a existência de novas perguntas). Foi feita também uma apropriação dos “gestos atencionais” ou “variedades de atenção”, propostos por Kastrup (2019): 1) “Gesto de varredura de campo”, ou abertura por conhecimento do objeto por meio da atenção em suspensão e pistas, pela experiência empírica e/ou teórica; 2) “Toque”, ou atenção ao encontro; 3) “Pouso”, ou perceber intensidades, rupturas, desvios no processo; 4) “Reconhecimento atento”, ou estado de suspensão, relações e linhas de conexão, reconhecer dados que já estão lá.

---

<sup>5</sup> Enfatizamos aqui a importância de se pensar o “humano” sempre em relação, não isolado. Quando falamos da saúde humana, não podemos fragmentá-la, e nem separá-la de outros seres: “É da natureza que nos permitimos sermos humanos, não separados dela, mas atravessados por toda força física que a atravessa e transforma” (Guzzo, 2020, p. 328).

A base-tripé ajudou a percorrer as ações propostas inicialmente na pesquisa, sendo elas: revisão bibliográfica, revisão teórica dos conceitos (pele, toque, cuidado e hapticalidade); revisão temática; desenho do anteprojeto; práticas coletivas de leitura; práticas de leitura e tradução; rastreio dos interlocutores; conversas com eutonistas sobre toque à distância durante a pandemia; traduzir as experiências em formato de texto. Assim, a cada ação, o problema foi recolocado, sustentado, foram revistos os tempos necessários, o regime de atenção adotado a cada momento. Os “gestos atencionais”, por sua vez, estiveram presentes em todos os momentos de pesquisa, integrando etapas de pesquisa, não como propostas independentes ou que ocorressem em etapas distintas.

Por fim, o resultado da pesquisa é uma cartografia de experiências a partir de um corpo "eutônico" e atento, aberto e disponível para esta travessia que parte da pele e do toque, a partir dos estudos da Eutonia enquanto base da formulação de propostas que geram campos coletivos de forças, rumo a uma aproximação com o conceito de hapticalidade.

Assim como produzir um corpo sensível e atento é a intenção principal da metodologia cartográfica, podemos dizer que a criadora da Eutonia, Gerda Alexander, nos ensina de forma semelhante quando fala sobre a *flexibilidade do tônus*. Para ela, é importante que passemos por todas as qualidades de sentimentos e possamos retornar ao tônus habitual: “As pessoas em que o tônus se mantém fixo num nível médio, sem capacidade de oscilações emocionais ou artísticas, estão doentes” (Alexander, 1983, p. 13).

Para Alexander, aprender a estar na própria pele é em si um método, única possibilidade de se relacionar com "o outro". E o outro, aqui, não é o estrangeiro, o intruso, ou o qual devo temer, como o processo colonial nos ensinou por uma metodologia violenta e excludente. O outro é tudo o que é externo à pele, mas, também, é a possibilidade de encontro com o desconhecido do lado de dentro da pele. E, por ser permeável, a pele está o tempo todo absorvendo e expelindo, se relacionando com o externo. A pele se reconstrói a todo instante, assim como percebe o dentro e o fora ao mesmo tempo. Em Eutonia, tomar consciência do próprio contorno, a pele, é o primeiro passo para um caminho de equilíbrio do tônus:

“Um campo que se cria “entre” os corpos, que nos faz sentir sensações específicas, singulares” (Luciana Gandolfo, trecho de “Carta” realizada como parte da pesquisa).

Também podemos observar que o modelo de representação que supõe dois pólos, duas realidades distintas e preconcebidas como sujeito e objeto, também não conversa com essa metodologia de atenção, na qual, Segundo Kastrup, “nunca estamos sozinhos quando mobilizamos nossa atenção ou quando prestamos atenção a alguma coisa” (Kastrup, 2019, p. 102).

### **Sobre impactos da pandemia do Covid19**

É impossível mensurar o quanto a pandemia impactou, direta e indiretamente, o curso desta pesquisa, assim como não se pode ter dimensão do quanto a pandemia afetou e continua afetando, em termos gerais, toda e qualquer subjetividade humana<sup>6</sup>.

No caso do território brasileiro, onde a gestão da crise sanitária foi insuficiente para evitar que o país chegasse à posição de segundo país com mais mortes por covid-19 em meados de 2021, alguns autores chegaram a nomear a conjuntura política como um “necroliberalismo”, unindo os perigosos conceitos de neoliberalismo, autoritarismo, profascismo, necropolítica e racismo estrutural, todos em um mesmo governo (Melo; Rodrigues, 2020).

A pandemia aprofundou o buraco de desigualdade e agravou a fragilidade econômica e social de grande parcela da população negra e pobre. Em contextos de maior vulnerabilidade a pandemia tornou-se uma máquina de mortes ainda mais certa do que aquela engendrada pelo braço armado do Estado. Pesquisas mostram que o coronavírus é mais letal entre a população negra por diversos fatores como falta de acesso à saúde e baixa expectativa de vida. Dados recentes do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2021) - mostram como as desigualdades relativas a gênero, raça/cor foram afetadas pela crise da pandemia de 2020 (SILVA, 2021, p. 32).

---

<sup>6</sup> O projeto de pesquisa, que iniciou este mestrado acadêmico, foi enviado para aprovação em março de 2021, mês em que o Brasil ultrapassou 2.000 mortes diárias por Covid-19. No dia 10 de março foram registrados 2.349 óbitos, segundo dados do Instituto Butantan (2023).



Também no berço das populações mais vulneráveis, que foi possível, mais uma vez, observar movimentos organizados de luta popular, em ações diretas e geralmente liderados por mulheres negras, movimentando redes de solidariedade em apoio a vítimas, por meio de doações de alimentos, confecção e distribuição de máscaras, entre outras ações e práticas coletivas de cuidado cruciais e transformadoras (Silva; Saunderd; Ohmer, 2021).

No contexto pandêmico, o isolamento social, como protocolo essencial para evitar a disseminação do vírus, demonstrou ser um dos fatores que causam bastante preocupação e indicação para a emergência do cuidado em saúde mental. É importante notar que desde 2020, o Brasil já era um dos países com maiores índices globais de transtorno de ansiedade, segundo a OMS (2020). Tais transtornos se agravaram ainda mais com a pandemia (Pereira *et al.*, 2021).

As relações interpessoais foram profundamente transformadas pela necessidade de isolamento social, assim como a carga de estresse gerada neste período, por efeito de confinamento e medos diversos, especialmente no contexto brasileiro em que o valor da vida já vinha sendo negligenciado de maneira brutal, por meio de políticas nefastas e austeras (Almeida, 2019).

A troca e a convivência com o outro pelas telas e a diminuição brutal do contato por meio do toque agravam fatalmente a condição do que é considerado saúde e exigem novas ferramentas para lidar com ela (Katz, 2020).

Por outro lado, o Prêmio Nobel de Medicina (2021) foi atribuído a uma descoberta relacionada a receptores de temperatura e tato. Graças a esta descoberta, a ciência hoje pode compreender melhor de que maneira as sensações de calor e frio, assim como a força mecânica e seu funcionamento no cérebro, estão relacionados à forma como nos adaptamos e percebemos o ambiente.

Mesmo em meio à crise sanitária, que modificou a agenda da ciência e da medicina globais, e cujo o contexto também acelerou a descoberta de novas vacinas e mobilizou milhares de estudos sobre um novo vírus, que afetou direta e indiretamente a tudo e a todos, ainda assim, o principal prêmio de pesquisa foi direcionado para este fenômeno, chamando a atenção para a importância do toque em nossas vidas, desenhando uma nova problemática dentro da controversa ideia de "saúde".

### **Arte e Saúde (situando a pesquisa)**

A escolha do ambiente para compor este estudo vai de encontro com a busca por romper com uma visão disciplinada, compartimentada, fragmentada e hegemônica do corpo e da saúde. Problematizar estes eixos para criar formas ativas de construir um entendimento do que é vivo, e de como restaurar a vida em sua máxima diversidade e potência, é o alicerce do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde, que lida com diversos campos entre as áreas da Saúde, da Educação e da Arte, prevalecendo, para além de uma ou de outra, as diferentes interfaces entre as áreas, assim como diversos modos de agir e de viver.

Pretendemos com esse estudo, fortalecer uma ideia mais ampla de saúde também significa compreender a necessidade de descolonizar o entendimento de saúde, pautado e organizado pela dominação colonial, que suprimiu, excluiu, saqueou, com base em racismo e genocídio, os conhecimentos provenientes de culturas locais, originárias. Como se afirma, em abordagem sobre o “Bem Viver – apesar de apresentar um cunho filosófico utópico mais do que uma proposta de mudanças concretas; mais inspiração do que uma revolução no modo de pensar; mais sonho do que realidade – , demonstram, sem dúvida, uma possibilidade de resistência ao modo de vida questionável predominante da sociedade, propondo um novo arcabouço cultural, centrado no equilíbrio, bem-estar e sustentabilidade” (Alcântara; Sampaio, 2017, p. 240).

Esta experiência interdisciplinar, que é base do campo de estudos, aliada com a formação de pesquisadores por meio da produção de uma escrita sensível, desafia o campo da saúde para uma visão mais ampla. No contexto deste programa, o corpo e a arte, por meio do exercício da sensibilidade, da presença, da escrita de si e da escuta do outro, são alicerces para um modo de pesquisa “afetivo-intelectual” ainda bastante incomum nos ambientes universitários.

No âmbito da saúde, entendemos a clínica como um espaço de acolhimento, de diálogo, de compartilhamento de emoções, situações inesperadas, escuta da história e do sujeito como coparticipante de seu tratamento, não negando as doenças, mas considerando os problemas de saúde (situações que ampliam o risco ou vulnerabilidade das pessoas) como encarnados em sujeitos, em pessoas. A finalidade da clínica passa a ser a produção de saúde contribuindo para a ampliação da autonomia dos sujeitos ao lidar com sua própria rede e contexto sociocultural (Guzzo *et al.*, 2018, p. 3).

É importante pontuar que o movimento desta travessia, da pele à hapticalidade, aponta para além do paradoxo dos estudos contemporâneos sobre a pele, que pode trazer limitações, como a pele como algo que “contém”, ou retém o corpo, o indivíduo, ou algo que o separa do meio externo (Ferraz, 2014).

A questão do toque abrange ainda um enorme universo que pode se desdobrar em assuntos – como cuidado, afeto, sexualidade e violência –, principalmente quando tratamos o toque enquanto subjetividade. Nesta pesquisa, não há a intenção de definir o “toque”, e sim definir um campo teórico que facilite o viver e experimentar o toque no corpo vivo e em movimento, ou seja, no corpo político, como diz Erin Manning (2007) em “Políticas do Toque” (*Politics of Touch*):

Quando eu toco-te, confundo os códigos do nosso encontro alterando o espaço-tempo entre ti e eu. Também altero outra coisa, uma qualidade difícil de delinear. O tato é antes de mais nada uma sensação, uma forma de incorporar o mundo, de encarnar a realidade (e a virtualidade) de um outro. Quer eu toque meu corpo no seu, estou estendendo a mão para você além de uma linguagem de compreensão (Manning, 2007, p. 57).

Erin Manning (2007, p. 57) reforça a importância dos sentidos, quando coloca o foco no corpo enquanto força política: “Como não podemos colocar firmemente nosso corpo em um sistema pré-cognitivo, não podemos saber o que pode ser feito politicamente”. Ela aponta para percebermos que há alguns modos de saber que dificultam o corpo e a política de se encontrarem (Manning, 2007).

Essa aproximação necessária entre corpo e política se soma ao movimento metodológico desta pesquisa, que propõe uma cartografia da pele, isto é, como falar a partir da pele e abordar o toque pelos sentidos, mas aproximando-o do pensamento e da política.

É também a partir da pele, em contato com outras peles, no toque ou à distância, que algo pode ser formulado. Neste sentido, a Eutonia traz ferramentas para sensibilizar o sentido do tato, para uma prática atenta à pele, aos ossos e ao espaço interior do corpo, e para estabelecer uma relação saudável com o mundo ao redor.

O antropólogo inglês Montagu (1988) é frequentemente citado como bibliografia fundamental que aprofunda a importância da pele na percepção do meio externo, assim como das primeiras experiências táteis no desenvolvimento físico e psíquico do sujeito. A questão da pele relacionada ao contato físico mãe-bebê foi explorada em trabalhos de Winnicott (1969) e na definição do termo *holding*, que revisita a importância das técnicas primitivas de cuidado, trazendo grande contribuição para a psicanálise e outros campos da saúde.

Já na área da filosofia, “...o mais profundo no homem é a pele” de Paul Valéry (1960), se tornou um clássico, e se relaciona com a visão de Winnicott, ecoando nos trabalhos do psicanalista Anzieu (1989) que, discorrendo sobre o conceito “eu-pele”, explora a pele como limite constituinte das relações entre o eu e o outro.

Também no campo da filosofia, José Gil, estudioso do corpo e da dança, (1997) se refere não só à pele, mas também aos

orifícios relacionados aos órgãos dos sentidos – olhos, boca, ouvidos – como partes explícitas da profundidade e complexidade do corpo. “Como se, caminhando pelo olhar, entrando pelos olhos do outro, nos encontrássemos de repente num espaço indefinido (relativamente ao espaço objectivo da cabeça), muito ‘maior’ do que aquele que se pode supor do exterior.” (Gil, 1997)

### Háptico

A palavra “háptico” vem do termo grego *haptikos*, que significa “o que é relativo ao tato”. Segundo Montagu (1986, p. 33), “o termo háptico é usado para descrever o sentido do tato em sua extensão mental, desencadeada diante da experiência total de se viver e agir no espaço. Tanto a pele quanto o sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas de células embrionárias - a ectoderme”.

A ectoderme também se diferencia em cabelo, dentes e nos órgãos dos sentidos do olfato, paladar, audição, visão e tato, ou seja, em tudo que acontece fora do organismo. O sistema nervoso central, cuja função principal é manter o organismo informado do que está se passando fora dele, desenvolve-se como a porção da superfície geral do corpo embrionário que se vira para dentro (Montagu, 1986, p. 22).

Em termos fisiológicos, os estudos sobre a percepção háptica explicitam a inseparabilidade dos sentidos e demonstram que a pele e o cérebro se desenvolvem a partir de uma dobra do mesmo tecido, como se o sistema nervoso fosse a inversão da pele para dentro, e a pele, a parte exposta do sistema nervoso (Montagu, 1986, p. 23).

As informações cutâneas de temperatura, textura, vibração e força não são separadas das informações cinestésicas (de movimento), como localização, velocidade e forma. A percepção háptica trabalha junto ao sistema de controle motor, relacionado à coordenação motora, assim como com a visão, olfato, audição, paladar, tato e propriocepção.

Este sistema de percepção não é privilégio dos humanos. Está relacionado à percepção do ambiente e o conjunto de sensações que isso traz, por exemplo, para um bebê mamífero,

cuja mãe representa para ele algo que o envolve, uma superfície arredondada, morna, um cheiro doce e suave, que traz a sensação de conforto (Gibson, 1966).

Também chamado de toque social, esse aparato háptico é considerado o grande responsável pela interação com o ambiente e pela construção da memória dos sentidos, do que é considerado doloroso ou prazeroso, seguro, ou perigoso pelo sistema nervoso central, e essa inteligência dos sentidos tem como base fundamental, o tato. Neste sentido, o tato funciona como um intermediador de todos os sentidos.

O sistema háptico tem uma função imaginativa, nos transportando para lugares, objetos que outrora, muitas vezes em tempos remotos, nos primórdios da infância, cheiramos, lambemos, escutamos. Algumas expressões da linguagem como “estou em contato com essa pessoa”, ou mesmo quando vemos uma obra de arte que “nos toca”, é possível concluirmos que não se trata de uma simples metáfora, mas de qualidades referentes à nossa subjetividade, que carregam em sua base esta percepção háptica que, por sua vez, está totalmente implicada na afetividade.

BJÖRK: Sim. Eu acho incrível que nós estejamos aqui, sentados nesta sala, e que eu conheça o gosto de todos os objetos aqui presentes. E fazemos isso durante o primeiro ano de nossas vidas. Há muito tempo que não lambo nenhum objeto, mas tenho a lembrança. Talvez isso me faça lembrar da minha infância (Obrist, 2011, p. 74).

Apesar de sua raiz no termo “háptico”<sup>7</sup>, que é amplamente estudado na área das ciências cognitivas e estudos tangentes, o conceito de hapticalidade nos traz uma amplitude de discussão sobre a questão do afeto, da subjetividade para com o outro.

O háptico não é apenas uma questão de toque físico. É a ligação entre o toque e o sentimento, bem como as múltiplas mediações que construímos

---

<sup>7</sup>“(1) tangível refere-se à relação entre o corpo e a materialidade do mundo em geral, (2) háptico aponta para a interação entre percepção e ação e, por meio da interação dos sentidos, conecta o corpo com o ambiente físico circundante, (3) tátil refere-se ao contato contra a pele e as diversas habilidades das mãos, (4) tátil enfatiza a intencionalidade e a intersubjetividade das ações tangíveis.” (GIBSON, 1966, p. 19).

para permitir ou impedir o nosso acesso a essas relações afetivas. Estas relações tácteis acontecem em múltiplas temporalidades, e as mãos são apenas uma das vias dos seus toques (Campt, 2017, p. 99-100).

A hapticalidade (*hapticality*), conceito posto em jogo por Fred Moten e Stefano Harney (2013), em sua obra *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*, procura dar vazão a um sentimento que não pode ser sentido individualmente; como a capacidade de sentir o outro e de sentir o outro sentindo. Os autores fazem referência às ideias de "memória da carne" (*flesh memory*) de Hortense Spillers; e "rasanblaj", de Gina Athena Ulysse.

Segundo Moten, em conversa transmitida via YouTube pelo NEP/ECO/UFRJ em 2020<sup>8</sup>, o termo "rasenblaj"<sup>9</sup>, gesto decolonial proposto pela artista e antropóloga haitiana-americana Gina Athena Ulysse, foi uma das principais fontes de inspiração que os levou a propor o termo hapticalidade no contexto dos *Undercommons*.

Também é importante observar que, ainda que em diálogo com estes estudos culturais mencionados, autoras como Erin Manning e Tina Campt utilizam o termo "hapticidade" (*hapticity*), também a se referir ou nomear um tipo de sentimento sentido na relação com o outro.

Essa captura, que incluiu um toque de visão anterior ao toque real, foi possibilitada pela hapticidade na percepção visual, que proporcionou, antes do real tocando, uma sensação de como a maçã pode ser, um sentimento que provavelmente também está começando a incluir uma degustação pré-consciente. Sua boca já está com água (Manning, 2016, p. 144, tradução nossa).

---

<sup>8</sup> Conversa realizada no programa Janelas Abertas, com Fred Moten e Stefano Harney, e transmitida via YouTube (não mais disponível) pelo canal do NEP - Núcleo Experimental de Performance, coordenado pelas professoras Adriana Schneider e Eleonora Fabião, do curso de Direção Teatral e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Escola de Comunicação da UFRJ, em 2020.

<sup>9</sup> Rasenblaj, ou rassembler ou rassemblement: sobre a tradução correta do termo, Ulysse responde: "Non, rasanblaj en Créole", ou seja, na língua Criolla, o termo "rasanblaj", significa "uma reunião, uma compilação, agrupamento (de ideias, de coisas, pessoas, mentes). Por exemplo, *fè yon rasanblaj*, fazer uma reunião, uma cerimônia, uma demonstração".

## Hapticalidade

Hapticalidade, o toque do *undercommons*, a interioridade do sentimento, a sensação de que o que está por vir está aqui. Felicidade, a capacidade de sentir os outros, de os outros sentirem através de você, de você senti-los sentindo você, essa sensação de despachado não é regulada, pelo menos não com sucesso, por um estado, uma religião, um povo, um império, um pedaço de terra, um totem (Harney; Moten, 2013, p. 98).

Deleuze (1989) havia sugerido o uso do termo hapticalidade para se referir à sensação de imediaticidade sensorial produzida pelo cinema, em sua especificidade na relação tempo-imagem. Por essa percepção, a visão descobriria “em si mesma uma função de toque que pertence somente a ela e que é independente da função ótica” (BABINI, 2005, p. 47).

Ao desenvolver a ideia dos *Undercommons*, Moten e Harney (2013) vão recriar o termo hapticalidade a partir de momentos radicais e de exceção, em que sistemas autoritários geram opressão e confinamento da vida humana. É a sensação de sentir o outro por meio do outro, a partir de uma situação de vulnerabilidade ou de violência comum a um grupo de pessoas. A aproximação com uma forma forçada de estar em contato com o outro é elaborada pelos autores como uma capacidade de sentir de indivíduos subalternos ou que estão por baixo dos processos de individuação. Ou seja, no recorte do comum, ou do “subcomum”, hapticalidade é um termo que pertence ao sentido do tato. É a linguagem do tato. E que vive nas bordas dos sistemas autoritários, está nos movimentos sociais, mesmo que também porventura escape deles, pois se trata de “uma sensação que não pode ser fixada em um território, estado, nação, história” (Moten; Harney, 2013, p. 97).

O conceito de hapticalidade (*hapticality*), com destaque no final do capítulo 6 da obra de Moten & Harney, aborda o sentido do toque para além da fisiologia dos sentidos e adentra políticas e subjetividades do significado do toque e do encontro. Os autores falam da hapticalidade, ou amor (*hapticality, or love*), como uma capacidade de sentir junto. É por meio da pele, do toque e do amor



que se constrói algo comum, uma espécie de solidariedade, “uma forma de sentir através dos outros, uma sensação de sentir os outros sentindo você” (Moten; Harney, 2013, p. 98, tradução minha).

Ainda em *The Undercommons*, os autores vão trabalhar com a ideia de um conjunto de relações e recursos comuns, que se dá a partir da situação de negação a qualquer sentimento ou qualquer coisa que produza sentimento. Estes recursos – ou uma sensação comum de estar “tocando um ao outro”, ou seja, a hapticalidade – são comparados pelo urbanista Kike España (2020) com a situação de reclusão, ou enclausuramento provocado pela pandemia, na qual o toque entre indivíduos se tornou algo proibido.

Porém, o autor sugere que, nesse contexto, o sentir “um pelo outro”, ou “através do outro”, se tornou bastante presente, e acrescenta que a “cotidianidade do estado de exceção”, fruto dos comandos capitalistas, em que a exclusão, a violência, o assassinato de vulneráveis e o extermínio dos ecossistemas planetários tendem, em certa medida, a multiplicar a hapticalidade, no sentido da busca constante por recursos de solidariedade e invenção por “novos dispositivos de cuidado mútuo” (Reina Sofia, 2020, não paginado).

Para o antropólogo Ingold (2017), hapticalidade é o que preenche o vazio do tácito: enquanto o tácito caminha para as profundezas da existência, o háptico está aberto e vivo para os outros e para o mundo. Neste sentido, o autor vai explorar as diferenças entre “falar” e “contar” a partir do conceito de atenção que se dá de maneira não estagnada, mas como a imagem de um peixe na água, “de um mundo giratório de movimentos em espiral que se chocam: do pensamento espiralando em vórtices de som” (Ingold, 2020, p. 25).

Diferente de concepções de “corporeidade”, em que a mente se encontra “dentro do corpo” e “ocupa o mundo”, o pensamento é o movimento da mente que “se move e é movida pelos sons e os sentimentos do ambiente” no âmbito da

hapticalidade (Ingold, 2020, p. 13). O antropólogo comenta sobre o avanço de um entendimento das camadas corpo, mente e mundo, implícito no conceito de *habitus* elaborado por Bourdieu (Csordas, 2008, p. 109-110), mais além da percepção consciente, mas para uma consciência diferente, uma consciência sensorial, a hapticalidade, segundo ele, seria a consciência de sentir os outros sentindo você.

Existe algo do âmbito da sensação, do sentimento, que o trabalho de Harney e Moten desperta no recorte dos estudos culturais e sociais, que passa por análises poéticas, de linguagem, e que passa necessariamente pelo corpo. Toca o corpo de quem lê: Ingold descreve que, ao pegar seu violoncelo e sentir o contato do arco com as cordas, suas vibrações sob os dedos e ao mesmo tempo sente a respiração e o gesto uníssono com madeira, ar e metal.

O mestre em psicologia clínica Tarcisio Almeida, por sua vez, evoca o termo hapticalidade a partir da obra de Moten e Harney, no intuito de reivindicar o “direito ao saber-sentir”. Em seu artigo “Políticas do toque”, o autor vai, por meio de um relato de experiências baseadas em um processo de aprendizagem de cunho artístico, filosófico e clínico, defender a recusa da normativa por uma “liberdade cognitiva” que parte da quebra: “Para coabitarmos o subcomum (*undercommons*) do toque, não mais como espaço abandonado, será preciso considerarmos que aquilo que está quebrado permanecerá quebrado e que não poderá ser reparado” (Almeida, 2021, p. 99).

Para Almeida, esta recusa por fronteiras normativas faz parte de um território político ainda socialmente não reconhecido, um fenômeno que ele descreve como “aparecimento de uma linguagem que se dá num espaço de aprendizagem (um território existencial) que requer uma escuta de corpo inteiro (de corpo presente)” (Almeida, 2021, p. 106).

As diferentes explorações deste conceito parecem realmente tomar corpo, ou estar inevitavelmente imersas no

contexto dos *Undercommons*, ou seja, não há como se pensar o conceito sem que se parta da ideia de um pensamento fugitivo, como nos propõe a imensa (não no sentido de tamanho, mas no sentido de quebra) obra de Moten & Harney.

Este movimento de aproximação com o conceito de hapticalidade, proposto pelo pensamento fugitivo de Moten e Harney, pode também ser compreendido como a recusa da oposição entre pensar e sentir; ou a recusa da oposição entre teoria e prática; ou uma "intelectualidade sensual ou sensível". A cartografia, aqui proposta, procura revelar o sentido do toque para além da fisiologia e adentrando políticas e subjetividades relacionadas ao toque e ao encontro. A travessia se dá na atenção à pele, ao toque e à vulnerabilidade do espaço destinado ao sentimento. Assim como abordamos o sensível sem a intenção de defini-lo, mas, sim, buscando ferramentas para sentir, adotamos aqui "hapticalidade" como conceito fugitivo<sup>10</sup>.

### **Os *Undercommons* e a tradição radical negra**

*The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study* é uma homenagem à tradição radical negra, e desenha em teoria e prática o pensamento negro radical. O livro foi publicado em 2013, pela editora Minor Compositions, porém teve alguns de seus ensaios publicados anteriormente por Duke University Press, Social Text, South Atlantic Quarterly and E-flux. A edição de 2013 tem acesso livre assim como todas as publicações da editora e se encontra disponível na web, em PDF<sup>11</sup>. De acordo com Denise Ferreira da

---

<sup>10</sup> O fugitivo pode ser considerado uma gramática do pensamento negro, uma recusa cognitiva ao estado de quietude de sujeitos que reclamam um estado interior de dignidade, em um esforço persistente em direção ao futuro. (Campt, 2017, p. 11) Na proposta dos *Undercommons*, o fugitivo vem combinado de um planejamento (*planning*), um plano de fuga das tentativas de controle e predição às quais somos submetidos. Uma saída para ver e pensar o futuro, um respiro. Um respiro olhando para frente, um respiro especulativo, que busca fugir das políticas econômicas de comando atuais, das políticas de encarceramento de estado submetidas a guerras estratégicas.

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://www.minorcompositions.info/wp-content/uploads/2013/04/undercommons-web.pdf>.

Acesso em: 23 jun. 2023.

Silva, em texto de quarta capa, a obra traz um tipo de escrita “afetada”, ou seja, “uma escrita que é sempre outra, com o outro – Harney e Moten desafiam-nos a cair.” Ela acrescenta: “A seguir, sentindo, uma outra possível maneira de viver junto, ou como poderíamos dizer com Glissant – ser ‘nascido no mundo’, o que é destino e dádiva da negritude.” E ainda sobre o fugitivo como plano, ou única possibilidade, Silva complementa: “Caso contrário, viver, como nos quilombos criados por escravizados brasileiros, é a promessa que é a fuga!”

A obra traz saberes estratégicos e elabora conceitos como *estudo*, *planejamento*, *política*, *dívida*, *queer*, *logística*, *antagonismo geral*, *governança*, que, segundo os autores, emergem de um “terreno de luta” muito anterior à sua própria chegada, conceitos já usados, terrenos ocupados por outros pela tradição negra radical. Segundo eles, o que chamam de *undercommons* vem sendo teorizado e planejado há muito tempo especialmente por mulheres negras, “aquelas que pensaram e travaram esta luta e conduziu-nos ao lugar que continuamente desocupamos com a nossa hospitalidade”. Este lugar, os *undercommons*, “onde já não podemos ser nós mesmos, e aonde nunca fomos. Seu planejamento é nossa *dívida queer*, nossa dívida negra, nossa dívida trans, que com certeza que não é nossa”. (Harney; Moten, 2016, não paginado).

Esta experiência contínua com o informal, realizada por e sobre os meios de reprodução social, como o devir das formas de vida, é o que entendemos por planejamento; o planejamento nos *undercommons* não é uma atividade, não é pescar ou dançar ou ensinar ou amar, mas sim a experiência incessante com a presença futurista das formas de vida que tornam tais atividades possíveis. (Moten; Harney, 2013, p. 74 -75)

Os autores acrescentam, quando interrogados sobre os termos ‘enviado’ (*the shipped*) e ‘porão’ (*the hold*), especificamente relacionados ao transporte de pessoas escravizadas em navios, que não são operados da mesma maneira que outros conceitos na obra, mas, sim, devem ser “constantemente retirados para que o

antagonismo geral da nossa história no presente não seja um mero agonismo” (Harney; Moten, 2016, não paginado).

A obra também parece sugerir uma atenção aos ritmos. Não apenas por conta das inúmeras referências musicais e pela particularidade das escritas ensaísticas que compõem ritmos diversos de escrita, mas também por propor uma atenção aos ritmos “algorítmicos”, presentes no controle das operações cerebrais nos regimes pós-coloniais. Embora não tenha sido publicado como parte do livro, o artigo, “Hapticality in the Undercommons, or from Operation Management to Black Ops”, parece fundamental para compreender os ritmos propostos por *Undercommons*, o que foi nomeado por Moten como *Black Ops*. Ele reforça uma crítica ao ritmo de trabalho imposto pelo modelo europeu, um ritmo que captura o cérebro e que mata (Harney, 2015).

A crítica anticolonial da tradição negra radical celebrada em *The Undercommons* é uma crítica que propõe práticas de resistência e autonomia, realizada por aqueles que não estão fora da captura, mas os que estão de certa forma em fuga, em outros ritmos, em ritmos fora da linha de produção. O convite de Moten e Harney é para perceber esses trabalhos rítmicos subcomuns, aqueles que nos convidam a sentir o nosso entorno e, neste sentido, referenciam obras artísticas que produzem este movimento, esta fuga.

Ao escrever sobre o filme *Yellow Patch*, da artista indiana ugandense Zarina Bhimji, Harney ressalta, que suas imagens, que trazem campos, edifícios e quartos “vazios, porém não desocupados”, como memórias que não são criadas como preservação, nostalgia, ou para nos fazer esquecer das lutas, ao contrário, segundo ele, “o filme nos sugere que o subcomum nunca está noutro lugar, o seu toque é também um alcance. O seu toque é um repouso, uma carícia. A hapticalidade ocupa estas salas com uma batida, um ritmo golpeante de amor” (Harney, 2015, não paginado).

### Da pele à hapticalidade, ou amor

O movimento político desta travessia é intrínseco à escolha do método cartográfico, já que partimos da pele, ou seja, da ativação da sensibilidade, em direção a um conceito que se endereça a um plano comum, a um sentir comum e, também, “acessar o plano do comum e, também, construir um mundo comum e, ao mesmo tempo, heterogêneo” (Kastrup & Passos, 2013, p. 264). É pela atenção indicada como caminho da prática cartográfica, uma atenção aberta ao encontro e tonificada pela musculatura da Eutonia, que esta travessia acontece, da pele à hapticalidade.

Diante do desafio de cartografar a travessia do toque à hapticalidade, foi fundamental criar uma prática de estudo coletivo dos *undercommons*. Em meio à pandemia, esses estudos ocorreram por plataforma on-line, ancorada por meio do Laboratório Corpo e Arte da Unifesp baixada santista. As práticas realizadas – o grupo de leitura, assim como outras oficinas que vinham sendo realizadas em diversos contextos coletivos desde 2019, por meio da Eutonia, e a fim de facilitar o descanso e a tradução do texto “Hapticality, or love” – tiveram a intenção de sintonizar nossos corpos, ritmos, frequências, da hapticalidade dos *undercommons*, ou melhor, procurar os subcomuns dos nossos ritmos, dos nossos corpos.

[...] não é busca pela informação ainda, é um reflexo, um vislumbre que acontece no nível das sensações, que pode ter graus diferentes de intensidades, ritmos e sentidos, e que não deve ser desprezado, porque é nesse processo que aprimoramos a seleção e que os critérios ficam mais claros (Rosário; Coca, 2018, p. 43).

Por outro lado, adotar “hapticalidade” como conceito fugitivo, como assim sugerem Moten e Harney, também implica em penetrar na lama movediça e mais que humana, uma “carícia herdada”, de uma pele que se desfaz e se refaz todos os dias, de uma maneira fractal e que se afeta ao alheio, ao invisível, ao que

não está só, ao descanso dos *abajocomunes*, aos que insistem em não ser um, aos que dançam, aos que falam pela música, aos fugitivos, àquilo que derrete e que se impõe não por afinidade e nem por instituição, mas que se dá por comunhão, sem cópia e sem glamour.

Para além de sustentar a pergunta sobre o que é hapticalidade, esta pesquisa é uma cartografia que conversa com esta questão a partir da fisicalidade de onde ela parte: a pele. E que tenho certeza de que não termina aqui.

Assim, sem final, a necessidade desta pesquisa, ou seja, a maneira como escolhemos fazer esta travessia até o conceito de hapticalidade, pela pele (tocando), por meio das práticas propostas (leituras em grupo, oficinas, e interlocuções com eutonistas), produz um corpo afetado.

Além disso, a atenção ao toque e à pele, como centro da condição vital, sobretudo no momento em que o isolamento social se apresentou como a principal forma de conter a propagação do vírus Covid-19 e suas variantes, parece, talvez, nos indicar pistas para se pensar o mundo contemporâneo, com as adversidades trazidas pelo contexto pandêmico. E ousar dizer que ainda é cedo para entendermos cognitivamente que pistas são estas.

Para esta pesquisa acontecer foi fundante demonstrar o quanto o cuidado de si e do outro são fundamentais para uma noção mais humana de saúde, assim como é fundante perceber, e para isso existem muitas publicações sobre o tema, como o toque é também basal para a nossa existência. Mas maior desafio colocado ainda é o de habitar o conceito de hapticalidade, assim como formular uma cartografia que pudesse conversar com esta questão a partir da experiência de estar na própria pele.

Neste sentido, muito provavelmente, compreender a importância do toque em uma dimensão coletiva, e a pele em uma extensão social, possa ser imprescindível para se pensar a saúde em seus aspectos pluridisciplinares e, também, formular outras

dramaturgias para se pensar o presente e, conseqüentemente, o futuro.

Pode ser que o subcomum seja menos um conjunto de capacidades comuns ou um espaço comum imaginado - como o termo comum(s) frequentemente denota - e, portanto, menos sobre a vida colectiva do que sobre o ser colectivo, ou melhor ainda, continuar (Harney; Moten, 2016, não paginado).

Ainda há muito o que formular sobre a experiência de pesquisar o toque sem poder tocar outras pessoas, por conta da pandemia que foi enfrentada durante esta travessia, porém essa questão não me pareceu algo que de fato se abriu neste momento. Ao contrário, pôde-se constatar que existe uma série de possibilidades e tecnologias que os seres humanos criaram para se relacionar à distância, para além das que foram utilizadas durante a pandemia do Covid-19, mas que talvez já nos acompanhem há séculos. Não é difícil ter informações como esta, bastaria uma rápida pesquisa na internet, sobre como os seres humanos lidaram com enfrentamentos de outras pandemias. De todo jeito, acho que esta seria uma discussão para outro trabalho.

Sem dúvidas, o isolamento social não foi um fenômeno que começou nem terminou com a pandemia do Covid-19, se fomos pensar nas barreiras sociais que afetam uma população cuja condição de vulnerabilidade se tornou ainda mais distópica durante a pandemia, mas que já tinha seus direitos básicos como moradia, água encanada, acesso à saúde, e alimentação, privados.

Como lavar as mãos os que não possuem água encanada? Como fazer isolamento social aquelas e aqueles que vivem em situação de rua? Como a população de miseráveis terá acesso à informação preventiva? Como as populações em locais isolados acessarão o sistema de saúde? A morte decorrente da Covid-19 tende a ser seletiva afetando de forma diferente por gênero, etnia e classe (Silva; Saunders; Ohmer, 2021, p. 382).

Na outra face, o fato de que o isolamento social produziu um aprisionamento à situação de violência doméstica, aumentando exponencialmente os casos de violência sexual no Brasil, expôs significativamente que estar em casa não é necessariamente seguro para um grupo muito grande da população. A educação à



distância e a sobregrecarga do trabalho doméstico, também deixaram evidências que no contexto pandêmico houve um inquestionável agravamento à desigual divisão sexual do trabalho no contexto brasileiro, sem contar a “servidão digital”, termo contemporâneo para a “servidão moderna”, que agravou ainda mais a exploração do trabalho humano (Melo; Borges; Júnior, 2020).

Ainda há muito para compreender com relação às consequências da pandemia na saúde física e mental da população e, se levamos em conta que, no Brasil o isolamento social não foi nem aplicado corretamente<sup>12</sup>, a discussão entra em um nível ainda mais complexo. Mas não há dúvidas de que a pandemia gerou uma sociedade traumatizada pelo “isolamento, vigilância e cansaço”. (Melo; Borges; Júnior, 2020, p. 43).

O descanso, tornou-se um privilégio de poucos. Descansar, com os outros ou consigo, como um espaço comum, no chão de casa ou na terra, sob as árvores, não deve ser privilégio e nem lugar para os desabrigados, mas sim um direito de todos.

A hapticalidade pode ser uma forma de tentar dizer que a história do sentir tem sido dominada pelo que podemos sentir, porém uma contra-história tem estado necessariamente preocupada com o que as coisas sentem. Dado o quão brutal é a condição desta contra-história, tal como Hortense Spillers a narra de forma tão arrepiante no seu relato daquilo a que chamou, muito antes de nós, empatia, é improvável que alguma vez possamos esquecer o que se sente (Harney; Moten, 2016, não paginado).

Esta contra-história para a qual chamam a atenção, Harney e Moten, a história da violência, vai também ser apontada por Saidija Hartman (1997), quando enfatiza o risco da identificação com o sofrimento daqueles que estão no foco da violência. Ela chama a atenção para a “intimidade muito fácil”, narcísica da

---

<sup>12</sup> Além do fato de que camadas mais vulneráveis da população não tiveram condições básicas materiais de realizar o isolamento tido como principal orientação da OMS para evitar o contágio pelo vírus, houve no Brasil o fenômeno chamado de “negacionismo”, disseminado por uma vasta quantidade de figuras públicas, entre elas o próprio presidente da república, Jair Bolsonaro, que se manifestaram publicamente questionando a gravidade da pandemia e expressando-se contra as medidas de redução do contágio, o que produziu um impacto bastante significativo na adesão de parte da população ao isolamento.

branquitude, do desejo de existir no lugar do outro. Ela chama isso de “apagamento da alteridade”: sentirmo-nos naqueles que imaginamos como nós próprios.

Em uma sociedade marcada por tantos séculos pela violência, em que a violência se torna música, filme, o horror da escravidão é por tanto tempo tratado como algo supérfluo, “inevitável”, a violência da identificação, que muitas vezes toma a forma de “empatia”, e é vista como o esforço para trazer para perto aqueles que sofreram ou ainda sofrem com as injustiças, é possível tomar para si o sofrimento alheio como um movimento de poder sobre o outro.

Por isso a defesa do campo do sentir, como contraponto ao campo da violência. Por isso a defesa do descanso.

O descanso, nesta pesquisa, além de ser uma defesa ao descanso com o outro, vem junto com a necessidade de conversar com as árvores, com a terra, com a lama. Ela não está aqui, mas está, em conversa com o chão da Universidade, mesmo que acessado virtualmente, com colegas de turma, grupos de estudos coletivos, na pesquisa sob orientação, assim como com os professores deste programa interdisciplinar que acreditam na utopia de uma outra saúde, de uma maneira de escrever que está entre arte e saúde e que está entre, também, ou no chão.

Ou melhor, não há melhor lugar, ou lugar possível, para estar que não seja na própria pele e por isso que estive durante toda a travessia em busca de uma escrita eutônica, que pudesse remeter a esse lugar. Talvez ainda haja muito a se mover neste sentido, até mover de fato as placas tectônicas do chão da academia.

Trazer o conhecimento eutônico da pele para a escrita, e hapticalidade para falar de dança, é um desafio que não termina aqui. Como dizem Harney e Moten, é sobre “continuar”. Não é à toa que eles terminam a carta “Hapticality, or love”, assinando como

filósofos do sentir (2013). Não é à toa que é uma carta, e que termina com amor.

### Referências

ALEXANDER, Gerda. *Eutonia: Um caminho para a percepção corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ALMEIDA, Tarcisio. Políticas do toque. *DAT Journal*, 6(2), p. 95-110, 2021.

ANZIEU, Didier. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

CAMPT, Tina M. *Listening to images*. Durham and London: Duke University Press, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DEP. ANTROPOLOGIA - UNB. 2º *Transformações técnicas em perspectivas locais. Conferência com Tim Ingold*. Brasília: UnB, 2021. 1 vídeo (2 horas e 5 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ivBR3VjrjY>. Acesso em: 16 set 2022.

EUTONIA. 2023. Disponível em: <https://www.eutonia.org.br/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ESPAÑA, Kike. Hapticality. Glossary of Common Knowledge – *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía*. Málaga, Espanha. 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://glossary.mg-lj.si/referential-fields/hapticality/hapticality>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Conversas com Gerda Alexander: Vida e pensamento da criadora da Eutonia*. Tradução: Cintia A. de Carvalho. São Paulo: Summus, 1997.

GIBSON, James Jerome. *The senses considered as perceptual systems*. Londres: Houghton Mifflin, 1966.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.

GUZZO, Marina Souza Lobo. *Sonhar com florestas, para fazer florestas*. ClimaCom – Epidemiologias, Campinas, ano 7, n. 19, dez. 2020. Disponível em:

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sonhar-fazer-florestas/>.  
Acesso em: 20 jun. 2023.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. From cooperation to black operation. A conversation with Stefano Harney and Fred Moten on *The Undercommons. Transversal*, abr. 2016. Disponível em: <https://transversal.at/blog/From-cooperation-to-black-operation>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study*. Nova York: Minor Compositions, 2013.

HARTMAN, Saidiya. V. *Scenes of subjection: Terror, slavery, and self-making in Nineteenth-Century America*. Nova York: Oxford University Press, 1997.

INGOLD, Tim. Of Work and Works: Craft as a Way of Telling. In: JORGE, V. O. (Coord.) *Modos de fazer/ Ways of Making*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.21747/9789898970237/mod>. Acesso em: 25 jun. 2023.

KASTRUP, Virginia. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. *Rev. Polis e Psique*; 20 ANOS DO PPGPSI/UFRGS, p. 99-106, 2019.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. Dossiê: Pistas do Método da Cartografia. *Fractal, Rev. Psicol.* v. 25, n. 2, ago. 2013.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. *A dança nas telas, com Helena Katz*. São Paulo: MASP. 2020. 1 vídeo (1 hora, 9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ozZj7LkJy8Y>. Acesso em: 16 set. 2021.

MANNING, Erin. *Politics of Touch: Sense, Movement, Sovereignty*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2007.

MANNING, Erin. *The minor gesture*. Bogart, Georgia: Duke University Press, 2016.

MELO, André de Oliveira Sena; RODRIGUES, Mariana Nogueira. *Pandemia e Estado Necropolítico: um ensaio sobre as Políticas Públicas e o agravamento das vulnerabilidades da população negra frente ao COVID-19*. Revista Fim do Mundo, UNESP Marília, n. 4, jan/abr 2021. p. 133 - 154.

MELO, Ezilda; BORGES, Lize; JÚNIOR, Marco Aurélio Serau (org.); LEAL, Andrea;

MONTAGU, Ashley. *Tocar: O significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

OBRIST, Hans Ulrich. *Entrevistas*: volume 5. Tradução: Diogo Henriques *et al.* Rio de Janeiro: Cobogó; Belo Horizonte: Instituto Cultural Inhotim, 2011.

PEREIRA, Ana Cláudia Costa PEREIRA, Matheus Moraes Alves; SILVA, Bárbara Luanna Lopes; FREITAS, Camila Melo de; CRUZ, Camila Segal; DAVID, Dara Boa Morte; *et al.* O agravamento dos transtornos de ansiedade em profissionais de saúde no contexto da pandemia da COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v.4, n.2, p. 4094-4110, mar./abr. 2021.

REINA SOFÍA - Museo Nacional Centro de Arte. Glossary of Common Knowledge. *Hapticality, Kike España*. Málaga: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2020. Disponível em: <https://glossary.mg-lj.si/referential-fields/hapticality/hapticality>. Acesso em: 16 set. 2022.

RETROSPECTIVA 2021: segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra Covid-19 no Brasil. *Portal do Butantan*, São Paulo, 31 dez. 2021. Sessão notícias. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contracovid-19-no-brasil>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*. São Paulo: PUC, v.1, n.2, p. 241-251, 1993.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS, v.19, n.41, p.34-48, set./dez. 2018.

SANT'ANNA, Denise. Entre a pele e a paisagem. *Proj. História*, São Paulo, n.23, p.193-207, nov. 2001.

SILVA, Daniela Estefani Alves da; BATISTA, Rafael Leite Loiola; TEIXEIRA, Juraci Araújo; CRUZ, Aline Maria da Costa; BATISTA, Nancy Nay Leite de Araújo Loiola (orientadora). *A prática da eutonia em idosos: um relato de experiência em uma unidade básica de saúde*. Anais VI CIEH... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/53063>. Acesso em: 25 jun. 2023

SILVA, Luciane Ramos; SAUNDERS, Tanya L.; OHMER, Sarah Soanirina. *Introduction: From Solidão, to Isolation, to Solidão-ry*. City University of New York (CUNY Academic Works) / Publications and Research, Lehman College 2021. Disponível em: [https://academicworks.cuny.edu/le\\_pubs/368/](https://academicworks.cuny.edu/le_pubs/368/). Acesso em: 18 jun. 2023.

ULYSSE, Gina Athena. Introduction. *Caribbean Rasanblaj*, volume 12, issue 1 and 2, não paginado, 2015. Disponível

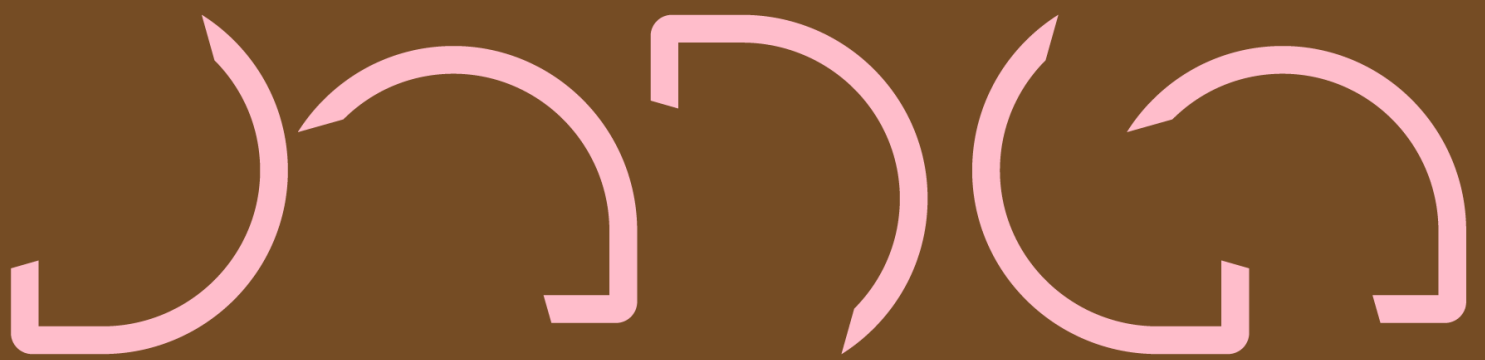
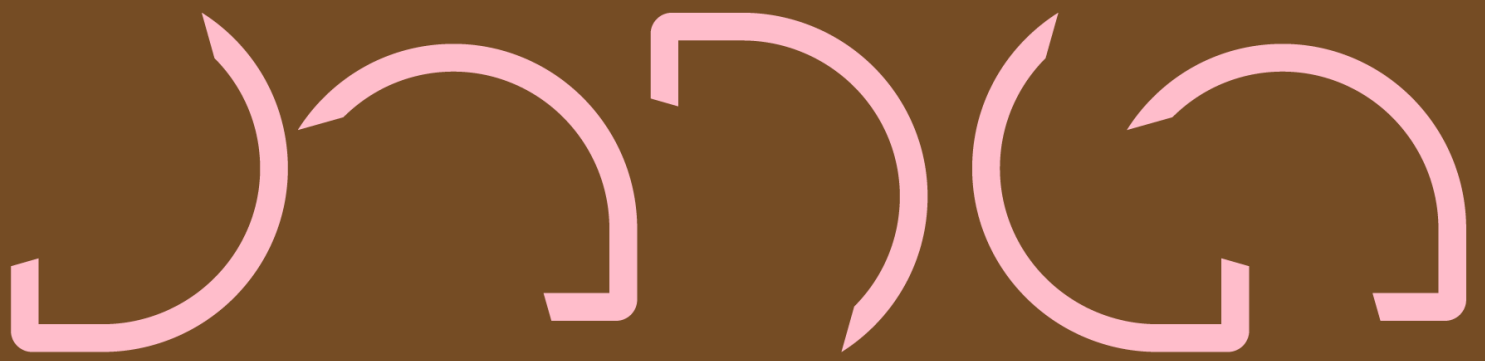
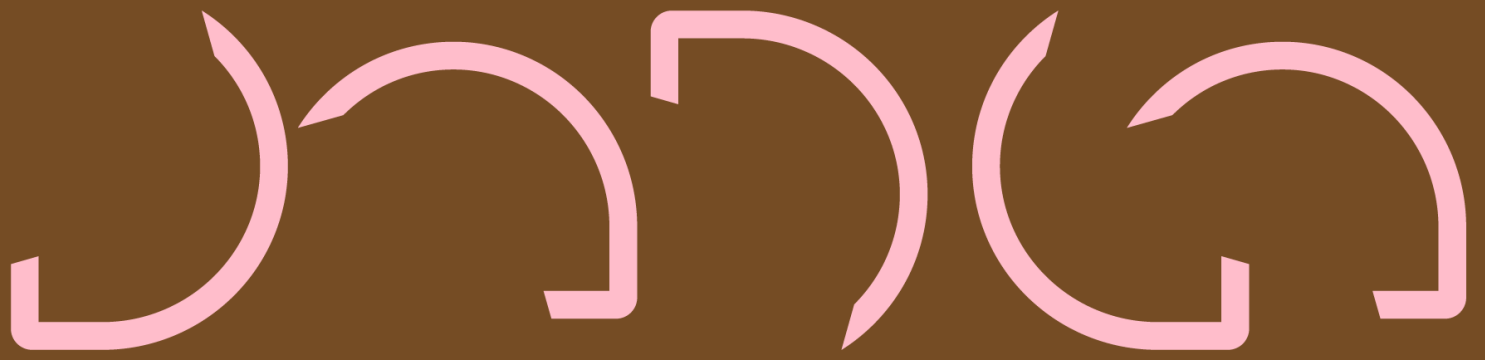
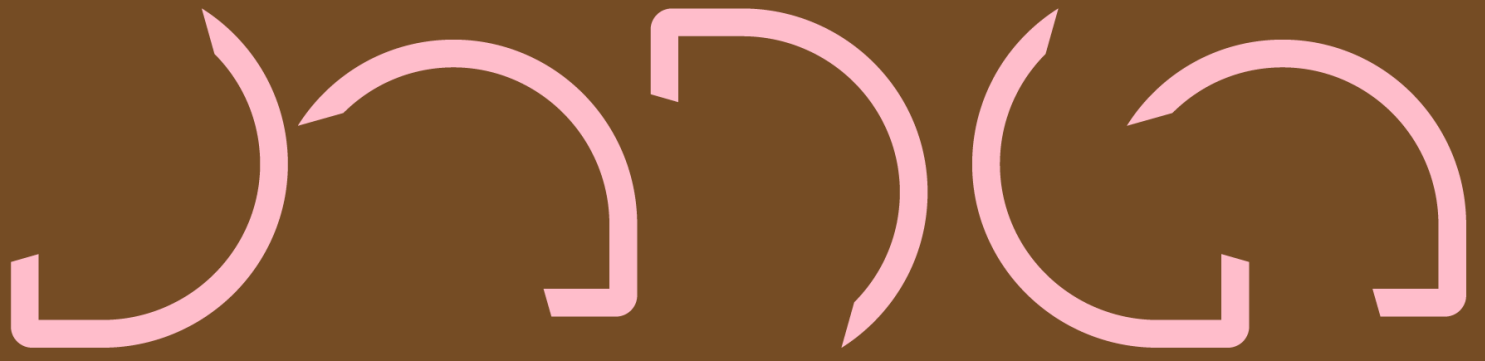
em: <https://hemisphericinstitute.org/en/emisferica-121-caribbean-rasanblaj.html> Acesso em: 23 jun. 2023.

VALÉRY, Paul. L'idée fixe. *In: Oeuvres complètes*. Tome II. Paris: La Pléiade, 1960.

WINNICOTT, Donald Winnicott. A experiência mãe-bebê de mutualidade. 1994. *In: WINNICOTT, D. W. Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

**Recebido em 06 de junho de 2024.**

**Aprovado em 14 de agosto de 2024.**



REALIZAÇÃO



UFRJ

PPGDAN  
UFRJ

*Anda*  
associação nacional de  
pesquisadores em dança